

A DESTRUIÇÃO DA EDUCAÇÃO AMERICANA

Evandro Bilibio¹

¹UFFS, Laranjeiras do Sul PR, Brasil (evandro.bilibio@uffs.edu.br)

Resumo: Ao Final do Séc. XIX e meados do XX ocorreram sérias transformações na forma de pensar a educação nos Estados Unidos. Inicialmente, tais ideias estavam restritas ao cenário Americano; todavia, espalhou-se e foi implementado em diversos outros países. Esse fenômeno significou que as mudanças e projetos educacionais originados na virada daquele século tornaram-se uma espécie de paradigma educacional. O efeito disso teria sido devastador à educação de modo geral e, ao final, a própria cultura que dessa deriva e se nutriu. Aqui, exploraremos essa ideia.

Palavras-chave: (;), Educação; Americana; Mudanças; Psicologia; Crise.

INTRODUÇÃO

Paolo Lionni, em sua obra *O relatório de Leipzig: a destruição sistemática da Educação Americana* procura mostrar, entre outras coisas, que as transformações ocorridas na Educação Americana, aos finais do séc. XIX e meados do séc. XX, apesar das ‘boas intenções’, teriam sido devastadoras. Não somente à Educação Americana, mas a ideia de educação em geral.

Disso decorre dois fatores, o primeiro diz respeito ao fato de que os efeitos dessas transformações, inicialmente, não foram compreendidos em sentido negativo (há, todavia exceções, poucas, mas há), pelo contrário, foram compreendidas e apresentadas como a médio e longo prazo, totalmente ineficazes ou, no mínimo, questionáveis; tendo como consequência final uma crise educacional sem precedentes. Isso, por si só já seria um grande problema, mesmo restrito ao contexto Educacional Americano. O segundo fator diz respeito sobre o fato de que aquelas transformações não ficaram restritas ao universo Educacional Americano, mas teriam se disseminado a nível mundial; exportando a crise para diversos países.

Crise que se estende, também, a própria cultura, uma vez que o que está em jogo são princípios que fundamentam uma visão antropológica que reflete diretamente na organização social e suas formas de expressão. Com essas ideias em mente, e certo da base histórica que as avalizariam, Lionni reconstruirá e traçará um percurso em que pretende mostrar que elementos e circunstâncias teriam contribuído para esse “desastre” educacional mundial.

Além disso, a obra de Lionni traz dados precisos e estatísticas da época, bem como “documenta” sua

tese com passagens dos próprios pensadores analisados.

Importante frisar, apesar de ser óbvio, que o autor, também, reconhece que a sua obra não esgota o assunto e que falha em, por exemplo, dar dados mais detalhados com respeito a algumas ideias apresentadas. Todavia, salienta que a sua intenção é “[...] dar um quadro geral em que a história se desenrola.” (Lionni, 2020) e que, portanto, referindo-se a sua pesquisa: “Este livro descreve as origens de uma metamorfose nacional, mas está longe de esgotar o assunto.” (Lionni, 2020).

Aqui, nesse resumo, seguiremos Lionni apresentando os seus pontos críticos com a ideia de que eles são, não somente pertinentes, mas explicitam de modo peculiar o que se pode identificar como “crise na educação” atual.

Lionni, assim, “pinta um quadro” em que a importância daquelas transformações ocorridas no sistema educacional americano do séc. XIX para o XX não teriam-se restringido a eventos isolados e/ou delimitados por barreiras nacionais, bem como não se deram de uma hora para outra; vários elementos teriam contribuído para isso. Por outro lado, reconhecerá que, o “sucesso” daquelas transformações deu-se pelo aporte financeiro de grandes Fundações.

Ao final, mostrará que mesmo com o fracasso das instituições financiadas e impulsionadas pelas novas ideias educacionais, isso não significou o fracasso das novas ideias educacionais que elas projetaram. Aqui, procuraremos traçar/expor o percurso percorrido por Lionni em sua obra citada sem submetê-lo a críticas profundas. Quando muito, ampliaremos sua denúncia, mas de modo muito modesto. Tudo isso tem um motivo: a crença de que



a obra de Lionni tem um valor atemporal por ter denunciado e exposto elementos-chaves que culminam na crise educacional e cultural em que vivemos atualmente.

O INÍCIO OU O (S) CULPADOS (S)

Para Lionni o *pano de fundo* que possibilitou a transformação ou “metamorfose” da Educação Americana foi iniciado e possibilitado por vários fatores: as ideias do Filósofo Wilhelm Wundt e sua Psicologia Experimental; a “filantropia” de vários Institutos e Fundações sem fins lucrativos, em especial, o dos Rockefeller; pela contribuição individual de diversos ex- alunos de Wundt; pelo Departamento de Educação Americano e, em especial pela UNESCO - fundada em 1925.

Segundo Lionni, as ideias apresentadas por Wundt e que seriam base para psicologia experimental, já estariam inseridas dentro de um clima acadêmico dominado pelo cientificismo, na mais diversas áreas (afinal, estamos no séc. do positivismo ou, em outras palavras, no auge dos ideais iluministas dos Enciclopedistas).

A busca por novos métodos, novas abordagens, novos conceitos que possibilitassem o desenvolvimento da ciência nos mais diversos campos impulsionavam pesquisas científicas inovadoras (nos mais diferentes campos) aos finais do XIX e início do XX. O surgimento da psicologia experimental é uma consequência, de certa forma, histórica e necessária desse “clima”. E, essa tendência tinha como denominador comum a tese de que somente uma ciência apoiada em dados da experiência, ou seja, apoiada em algo que possa ser medido/quantificado, tem valor de conhecimento científico.

A psicologia que estava muito mais ligada ao estudo da mente, em um sentido geral, acabou por transformar-se em uma parte da fisiologia na medida em que essa última tornava possível mensurar aqueles dados psicológicos que, antes, estavam sujeitos somente a interpretação do investigador. (Nesse sentido, a abordagem psicológica concebida pelo e através do paradigma fisiológica descortinava uma série de novas possibilidades interpretativas com respeito ao comportamento humano nunca antes imaginadas). Assim, diz Lionni, que Wundt

Ao ver que seria impossível fazer isto [submeter a alma humana ou a mente a processos de quantificação, mensuração e demonstrações científicas] com a alma humana, propôs que a psicologia lidasse

apenas com dados da experiência. (LIONNI, 2020).

Essa proposta baseava-se na convicção de que havia (e efetivamente há, isso não pode ser negado) uma estrita ligação entre fisiologia e comportamento (incluído, aqui, formas de pensar). Com tais convicções em 1875, em Leipzig, estabeleceu o primeiro laboratório psicológico que se tem notícia; e fundou o *philosophische Studium* com o objetivo de divulgar as novas descobertas, certo de que elas eram, não somente inovadoras, mas que abriam um campo de pesquisa ainda não explorado. Segundo o próprio Wundt citado por Shultz, na obra de Lionni: “O trabalho que aqui apresento ao público é uma tentativa de demarcar um novo campo da ciência.” (LIONNI, 2020).

E essa nova ciência consistia em “[...] reunir informações sobre respostas fisiológicas a fim de esclarecer o modo como o indivíduo experienciava as sensações e sentimentos. [e acrescenta Lionni] Ele estava convencido de que percepções e experiências podem ser entendidas através de reações fisiológicas mensuráveis.” (Lionni, 2020). Contudo, essa ideia, diríamos, ainda é a parte menos controversa. O mais controverso e problemático é que disso foi compreendido que a vontade humana não é a característica de um ser autônomo e independente, mas o resultados de estímulos fisiológicos: a vontade, seria, portanto “[...] o resultado direto da combinação entre estímulos percebidos [...] e não [...] uma intenção independente e individual.” (Lionni, 2020).

A consequência é a consolidação de uma concepção de vontade que ia de encontro a ideia de uma “vontade autônoma” e, portanto, independente de fatores externos; com isso vai para o “ralo”, também, a ideia e possibilidade de autodeterminação. Desse modo: “Ao afirmar que o homem é desprovido de espírito e auto-determinação, Wundt buscou provar que o homem é a soma de suas experiências, dos estímulos introduzidos em sua consciência e no subconsciente.” (Lionni, 2020). Esse é o elemento que consideramos o mais perigoso, esse reducionismo “forçado”.

Essas novas ideias, resultados de experiências inovadoras, fizeram de Wundt, em Leipzig, uma “celebridade”; bem como transformou o seu Instituto em um centro de estudo que dia a dia crescia em reconhecimento para todos aqueles que estavam atrás de novidades. As novas pesquisas e ideias eram vistas como um “sopro novo” na área dos estudos psicológicos. De tal forma que:

Leipzig tornou-se naturalmente a *Meca* dos estudantes que queriam estudar a psicologia nova - esta já não era um ramo da filosofia especulativa ou um fragmento da ciência da fisiologia, mas uma nova, excitante e desafiadora tentativa de estudar os processos mentais por métodos quantitativos e experimentais, comuns a todas as ciências [...] (Heidbreder, *apud* Lionni, 2020).

Todavia, até aqui, não se tem um vínculo claro (e nem o objetivo de Wundt era esse, ao que parece) com a ideia de educação em geral ou preocupava-se com metodologias educativas. Entretanto, segundo Leonni:

O seu trabalho estava a um curto passo da futura redefinição do significado de educação, a qual originalmente significa extrair do homem os seus talentos e habilidades inatas [...] para o psicólogo experimental, a educação tornou-se o processo de exposição do estudante a experiências “significativas”, a fim de assegurar as reações desejadas [...] (LIONNI, 2020).

Assim, mesmo que possa se argumentar que Wundt não tinha, inicialmente, interesses educacionais, a aplicabilidade de suas descobertas, bem como as consequências, mostram-se como tendo, no campo educacional, um lugar próprio e natural de aplicação.

Para Leonni, ao final das contas, Wundt será o responsável pelo estabelecimento das bases e princípios da ideia de condicionamento e que, mais tarde foram desenvolvidas tanto por Watson, quanto por Skinner. Além da ideia de que as escolas cabe o papel de socialização das crianças, mais do que o desenvolvimento de suas habilidades racionais que poderíamos chamar, a grosso modo de inteligência. As pesquisas realizadas por Wundt seguiam, de perto, a ideia de metodologia científica consagrada por Galileu e Newton, entre outros. Pois, as experiências buscavam

[...] a análise minuciosa da percepção e da sensação; mediam tempos de reação; [...]; investigaram reações verbais; [...] mediram o alcance e as flutuações da atenção [...] Em seus estudos sobre sentimentos e emoções, eles gravaram medidas de pulso e respiração, variações na força muscular [...]; desenvolveram métodos psicofísicos. (HEIDBREDER, *apud* LIONNI, 2020).

Fica claro, com isso, qual o modelo que foi a base para aquilo que foi chamado de nova psicologia ou psicologia científica: o uso de métodos quantitativos e experimentais.

Lionni destacará dois pensadores como sendo os mais importantes na disseminação inicial das ideias básicas do que ficou conhecido como psicologia experimental nos EUA: G Stanley Hall e John Dewey. Hall - O primeiro dos seus alunos a retornar para os EUA - saiu de Leipzig em 1883 e entrou na nova faculdade de Baltimore: Universidade John Hopkins - nela implementou: Laboratório de psicologia; fundou em 1887 - *American Journal of Psychology*; foi em 1889 - presidente da fundação *Clark University*; fundou em 1892 - a fundação da sociedade Americana de Psicologia (área de interesse - desenvolvimento da criança) e impulsionou o *Child Study Movement*. Sua obra principal de 1904 - *Adolescence: it's psychology and It's Relations To Physiology, Antropolgy, Sociiology, Sex, Crime, Religion, and Education*, teve como eixo teórico e base as relações entre psicologia experimental e a educação infantil. Percebe-se que foi extremamente ativo na divulgação da nova forma de pensar, bem como que já vislumbra a aplicabilidade do novo conhecimento à educação e ao desenvolvimento da criança.

Quanto a Dewey, foi aluno de Hall e doutorou-se com ele na Universidade *Johns Hopkins* em 1884. Escreveu aquele que é considerado o primeiro livro Americano de psicologia em 1886 - *Psychology*. E, em 1895, foi chefe de departamento de filosofia, psicologia e educação da Universidade de Chicago. Em 1896 institui um centro de pesquisa que ficou conhecido como Escola de Dewey; uma espécie de escola-laboratório da Universidade de Chicago para aplicação de princípios psicológicos e técnicas experimentais no novo campo de estudos aberto por Wundt e a sua psicologia experimental para o estudo do aprendizado.

Disso, resultou, segundo Lionni, três grandes descobertas que, para época, apresentaram-se como revolucionárias no campo da educação infantil: a educação deve ser ativa ao invés da passiva (para desenvolver todos os talentos da criança); a escola é ambiente social - não individual. Sua função é preparar a criança para o exercício da democracia e; o professor deve encorajar a experiência ao invés da imitação (desenvolver o pensar criativo). Imitação entendida como a absorção de conhecimentos e a sua reprodução. Esses elementos marcam, pela primeira vez, um ataque/ruptura com o que se entende como educação tradicional ou liberal. Pois, segundo o próprio Dewey: “A educação consiste na habilidade de usar a força do homem com certos fins sociais [...]



expandir a consciência do indivíduo as dimensões da consciência de raça.” (LIONNI, 2020). O que se percebe é que para Dewey, não há nenhum propósito maior para a educação, além do social, é claro.

A concepção de professor também muda, agora ele é um “Guia para socialização da criança.” (LIONNI, 2020). Ao final, não somente educar virou um processo de socialização, mas a própria escola passa a ser entendida (unicamente, diga-se de passagem) como uma “instituição social.” Esses dois pensadores dão o “pontapé inicial” para diversos estudos que cada vez mais estreitarão os laços entre as técnicas descobertas pelas psicologia experimental e a ideia dos fins sociais da educação.

Todavia, além desses dois grandes nomes na expansão e divulgação das ideias da psicologia experimental, James McKeen Cattell, também, segundo Lionni, merecem destaque: “[...] distinguiu-se como o primeiro assistente de Wundt e, mais tarde, o maior e mais eficiente propagador e defensor da nova psicologia.” (LIONNI, 2020). Sua influência teria sido tão forte e teria argumentado de modo tão convincente que muitos de seus “colegas” levaram adiante a ideia de uma submissão da educação à psicologia experimental (algo já postulado por Dewey), entre eles: James Mark Baldwin, Andrew C. Armstrong, Charles Judd e James Eral Russell, citados por Lionni.

Entre as descobertas de Cattell cita-se, seguindo Lionni, que os adultos: “[...] podiam reconhecer palavras sem ter que pronunciar as letras.[...]” e “[...] concluiu que as palavras não são lidas por meio da composição das letras, mas percebidas como ‘figuras completas’.” (LIONNI, 2020). Ao final, sua conclusão, que teve impacto direto no modo de pensar o ensino foi que “[...] pouco se avança ao ensinar à criança os sons e letras na primeira fase de alfabetização. [...] devia-se ensiná-las a ler mostrando-lhes palavras inteiras e dizendo-lhes o seu significado.” (LIONNI, 2020) e que levou a outra grande conclusão, ou descoberta de Cattell, o método de ‘leitura à primeira vista’ [*sight-reading*] que teria sido aplicado em muitas escolas americanas para alfabetizar crianças e que, ao longo do tempo, demonstrou-se totalmente ineficaz. Lionni lembra Glenn Doman do Instituto para Aquisição do Potencial Humano, que, na década de 70, publicou 3 obras em que reunia dados e demonstrava que o método Cattell era (e foi) um fracasso educacional (LIONNI, 2020).

Mas, até aqui, julga-se que apesar de tudo, ainda a psicologia experimental e a “contribuição” dos pensadores acima não ia tão mal. As coisas começam a ficar mais “sombrias”, quando Cattell começa a ter

relações com Galton - sobrinho de Darwin. Desse contato, segundo Lionni, Cattell assumiria a tese de que “[...] as habilidades naturais de um homem derivam de sua hereditariedade, sob exatamente as mesmas limitações da forma e dos aspectos físicos de todo o mundo orgânico.” (LIONNI, 2020). Algo que foi visto como um grande avanço e tendo suscitado, posteriormente, de diversos modos, o desenvolvimento de teorias como a eugênia, seleção natural e medição da inteligência, por exemplo.

Esse contato com Galton teria impacto de tal forma em Cattell que esse vislumbrou uma série de aplicações práticas daquela forma de pensar o ser humano e, diante disso foi o primeiro a administrar a primeira bateria de exames psicológicos nos EUA e tornou-se líder na aplicação de testes psicológicos.

Todavia, dois novos pensadores serão, também, decisivos para a consolidação das ideias da psicologia experimental à educação. Duas contratações são feitas por Russel e que passam a integrar os quadros de profissionais da Universidade de Colúmbia atuando no *Teachers College* que, também, são decisivas para a expansão e consolidação das ideias apresentadas por Wundt, apesar de terem contribuído de formas diferentes para isso: Frank McMurry e Edward Lee Thorndike. O primeiro, MacMurry, baseado nos estudos de Dewey, sobre os princípios do método, publicou, 1907, *How to Study* e *Teaching How to Study* seguidos por outros trabalhos. E é a partir desse ponto que a coisa fica feia de vez, o interesse inicial pela educação em um sentido geral e nos métodos, agora começa a tomar corpo na medida em que esses conhecimentos serão aplicados na construção dos currículos escolares. “Seus interesses fundamentais estendiam-se também ao currículo das escolas primárias; nesse campo, seus ensinamentos e escritos o estabeleceram como um pioneiro da teoria da educação progressiva moderna.” (LIONNI, 2020).

Thorndike, por outro lado, dará um passo além, não só com respeito ao que se conhecia até o momento sobre a psicologia experimental, como também quanto a sua possibilidade de aplicação. Suas pesquisas inaugurarão um novo campo de conhecimento que surgirá quando aplica as ideias de Wundt ao estudo do comportamento dos animais: as galinhas (mais tarde expandidos a outros tipos de “animais”, como ratos, por exemplo).

Esse novo campo é conhecido posteriormente por “psicologia animal” e que, no qual, aparecem as condições teóricas para uma comparação entre o comportamento humano e o animal e, posteriormente, a sua equiparação. Até aqui, pode-se dizer que não há nenhum problema com respeito a essa



correlação que se mostra viável e, além disso, indiscutivelmente pertinente do ponto de vista fisiológico. Todavia, Na obra: “*The Principles of Teaching Based on Psychology* de 1906 - Thorndike procura aplicar as suas descobertas à pedagogia e, com isso, dar-lhe um aspecto/status ‘científico e prático’.” (LIONNI, 2020) no campo educacional. E, nessa obra, ensinar é “[...] a arte de fornecer e remover estímulos [...]” (LIONNI, 2020) - ou seja, condicionar o comportamento, tal qual pode ser feito para com os animais.

O elemento que está no centro da teoria educacional de Thorndike é a ideia de satisfação (LIONNI, 2020). Em suas pesquisas com animais teria constatado que há um paralelismo muito forte entre ações e satisfação, ou seja, o prazer ou recompensa positiva que algo possa propiciar. Assim, no campo da educação infantil, no aprendizado, assim como no campo prático de nossas ações, concluiu que assumimos certos comportamentos e ações (de forma mais efetiva) na medida em que deles é possível auferir/ter algum prazer/satisfação/recompensa. Entretanto, quanto a punição, ela pode ter efeitos adversos e portanto, não deveria ser usada.

O problema é ou seria o fato de que o comportamento do ser humano é reduzido a uma resposta/reação a certos estímulos, assim como no caso dos animais e; guiado única e exclusivamente pela ideia de satisfação, ou seja, se algo não gera satisfação suficiente, talvez não valha ser ensinado ou aprendido.

A aprendizagem, agora, é compreendida e guiada pelo mesmo modo como ocorre e funciona a sensibilidade animal. Desse modo, aprendemos tanto melhor quanto tenhamos estímulos que gerem satisfação/prazer com respeito ao que nos é ensinado. É esse reducionismo que é visto como sendo nefasto ao processo educacional como um todo, bem como a formação de uma personalidade saudável. (Afinal, na “vida prática” e nas relações que dela decorrem, não é bem assim que funciona.). O que se tem, com isso, é uma mudança na visão antropológica. Pois, não há nada que distingue, ao final das contas, o ser humano de outros animais do ponto de vista do modo como apreende e assume certos comportamentos e/ou modos de pensar.

No caso do educador/professor, na prática, ele deverá apreender a ter sensibilidade suficiente para identificar conteúdos que produzam os mesmos efeitos da sensibilidade: satisfação/prazer/recompensa. Somente assim poderá haver uma resposta positiva que é um determinado comportamento; e o comportamento esperado é de caráter social. Aqui se revela outro pressuposto fundamental que se poderia

dizer, no mínimo, questionável: educar não é ensinar certos conteúdos que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento e desenvolvimento moral e intelectual o ser humano.

Educar é produzir pessoas que ajam/deem respostas (sociais) satisfatórias a certos estímulos. Apreender ou educar é, assim, dar os estímulos corretos de tal modo que o indivíduo aja conforme o esperado socialmente, ou seja, o ser humano é reduzido a um ser unicamente social. Educação, portanto “[...] interessa-se principalmente pelas inter-relações gerais entre os homens e seu ambiente, e por todas as mudanças que tornem possível uma melhor conformação da natureza humano ao seu ambiente externo.” (LIONNI, 2020).

Isso fica claro nas seguintes passagens na página 46 do próprio Thorndike, citado por Lionni. Até os 6 anos “[...] não se deve [...] dar ênfase, à aquisição dos recursos intelectuais como ferramentas formais - a leitura, a escrita, a aritmética, etc. - ou à análise intelectual abstrata.” E acrescenta que “repetição de fonemas”; tabelas de multiplicação” e “movimentos formais de escrita” são exercícios artificiais, um desperdício. Afinal, diz ele, Aritmética, Linguagem e História “[...] incluem conteúdos que tem pouco valor intrínseco.” THORNDIKE, *apud* LIONNI). E conclui: “A eliminação do supérfluo, portanto por meio de estudos científicos, é um avanço no aperfeiçoamento do currículo.” (LIONNI, 2020). Isso significaria, na prática, abandonar os métodos de estudo tradicionais nos quais o acúmulo de conhecimento, o foco no desenvolvimento de habilidades individuais, da autonomia intelectual, seriam prioridade.

Outro elemento que constituía a metodologia educacional, não menos problemático, de Thorndike é o teste psicológico que tinha como objetivo identificar aspectos fisiológicos que impediavam ou prejudicavam o aprendizado. A consequência prática disso é que o professor estava isento (em certa medida) da culpa pela falta de aprendizagem do aluno. Pois, fundamentava-se na ideia de que a inteligência ou capacidade intelectual já está dada, desde sempre, pela natureza fisiológica, como pensava Cattell, influenciado por Galton. Como exemplo de como essa forma influenciou pensadores nesse período, pode-se citar Watson, aluno de Dewey e Skinner. O título da tese de doutoramento de Watson não deixa margens quanto aos seus interesses, bem como a influência dessa forma de pensar inaugurada por Thorndike: “Educação Animal.” (1903).

O ALIADO DECISIVO



Até aqui, tem-se, de modo muito sintético, um esboço (precário, em certo sentido, mas satisfatório, por outro) da história da psicologia experimental e como ela foi, aos poucos, na educação, encontrando seu lugar natural. Todavia, Lionni entende que não somente a aceitabilidade e expansão das teses de Wundt deu-se por seu caráter inovador para época, mas por outro fator, sem o qual isso não seria possível: dinheiro. E esse teria vindo - principalmente - da fortuna dos Rockefeller. Mas, mesmo esse “financiamento” não teria sido obra ou expressão de uma “bondade”. Pois, pairava, sobre a fortuna dos Rockefeller uma desconfiança muito grande quanto a legitimidade, origem e métodos que teriam contribuído para o seu estabelecimento.

Na prática, publicamente, os Rockefeller eram muito mal vistos: “[...] escoriado pelos órgãos de opinião pública e alvo de numerosos comitês de investigação.” (LIONNI, 2020). Com isso Lionni intenta mostrar que havia uma certa necessidade natural em encontrar um meio eficaz de dissipar aquele ar de desconfiança, algo que incomodava, de muitas formas, os Rockefeller. E, essa chance teria aparecido quando, como diz Lionni, por um golpe do “destino”, Gates, pastor batista, teria aparecido no caminho dos Rockefeller. Inicialmente foi contratado para cuidar dos pedidos de dinheiro que eles recebiam (devido a sua fortuna); contudo, entendeu que deveria ser através do exercício da filantropia a forma mais eficaz para dissipar aquela desconfiança e, ao final, limpar a imagem dos Rockefeller; além, é claro, de dar uma ar de legitimidade a sua fortuna; acabar com perseguições e críticas. O financiamento educacional foi visto como um excelente campo para fazer isso. Afinal, segundo Lionni “A filantropia educacional parecia o modo ideal de fazê-lo, já que rendia boa publicidade.” (LIONNI, 2020).

Mas havia um problema: O sistema educacional americano estava “[...] solidamente alicerçado [...] por todo o país.” (LIONNI, 2020); pois segundo Leonni, haviam provas de que os formados daquele período tinham linguagem superior, liam os clássicos e dominavam a gramática e a aritmética. “Os formados no ensino secundário em 1900 eram pessoas educadas, fluentes em sua língua, história e cultura, em posse das habilidades necessárias para prosperar.” (LIONNI, 2020). Mas, isso era uma verdade para o norte dos EUA e não para o sul rural devastado pela guerra e com poucas escolas. E então, “[...] foi aí, no Sul rural, que Gates encontrou as circunstâncias favoráveis à implementação de seus planos.” (LIONNI, 2020) com o objetivo de salvar a imagem dos Rockefeller (além, é claro, segundo Lionni, “lavar” o seu dinheiro.) Mas, quem tomou a frente nesse processo foi o seu filho: “John D

Rockefeller Jr [...] que percebeu aí o potencial [...] encontrando-se com Gates a fim de propor que a filantropia de seu pai se direcionasse para a educação do sul.” (LIONNI, 2020).

Então, percebe-se que para parte dos EUA, não fazia sentido uma reforma educacional com a finalidade de aplicar as novas ideias da psicologia experimental à educação ou, pelo menos, seria bem mais complicado. Todavia, o sul, com seu sistema educacional destruído ou, quando muito, precário, mostrava-se como uma espécie de “tela em branco” que poderia satisfazer, tanto os anseios educacionais dos pensadores formados pela psicologia experimental, como aos dos Rockefeller. Com o intuito de facilitar o repasse de vertas - a filantropia - e, ao mesmo tempo, direcioná-la à educação exclusivamente, foi o Conselho Geral de Educação. Este nasce com o nobre objetivo de “[...] a promoção da educação dentro dos EUA sem distinção de raça, sexo ou credo.” (LIONNI, 2020). Os objetivos eram nobres, mas sua real motivação, revelada em carta, pelo próprio Gates era outra:

O objetivo desta associação é propiciar um meio através do qual os capitalistas do Norte, que desejem sinceramente contribuir com o grande projeto da educação do Sul, possam fazê-lo com a segurança de que eu dinheiro será sabiamente utilizado. (GATES, *apud* LIONNI, p, 62)

Todavia, há outra passagem que deixa ainda mais claro as reais intenções, extraída da primeira publicação do Conselho chamada *Occasional Letter* e escrita pelo próprio Gates:

Temos, em nossos sonhos, recursos ilimitados e pessoas que se submetem com perfeita docilidade às nossas mãos modeladoras. Os preceitos da educação atual esvaem-se rapidamente de suas mentes, e, livres das amarras da tradição, podemos trabalhar ao nosso bel-prazer sobre um povo receptivo e agradecido. Não havemos de tentar fazer dessas pessoas ou de qualquer um de seus filhos homens de cultura, filósofos ou homens de ciência. Não devemos suscitar entre eles escritores, editores, poetas ou homens de letras. Não devemos buscar por embriões de grandes artistas, pintores e músicos, nem por advogados, médicos, pregadores, políticos e homens de Estado; já os temos em abundância

A tarefa que colocamos diante de nós é muito mais simples e muito bela: treinar essas pessoas de forma como as



encontramos, em vista de um ideal perfeito da própria vida que levam. Então, organizaremos nossas crianças e as ensinaremos a realizar de forma perfeita aquilo que seus pais e mães lhe ensinam de forma imperfeita, em seus lares, no comércio e na fazenda. (GATES, *apud* LIONNI, 2020, p, 62-62)

A citação é longa, mas muito clara. Não há dúvidas de que estava clara a situação precária do Sul e que, devido a isso, os habitantes agradeceriam por qualquer coisa que lhes fosse proporcionada. Bem como o fato de que a nova educação não deve investir no desenvolvimento do indivíduo, de nobres princípios liberais e similares; treinar é a palavra chave, ao que parece; mas treinar para o quê se formar homens cultos não é o objetivo? A resposta a isso parece ser que eles, os novos alunos, deverão reproduzir e manter aquelas atividades e habilidades herdadas/ensinadas por seus pais. Em outras palavras, não queremos homens que questionem, produzam cultura, mas homens subservientes que reproduzam o sistema, sua condição existencial e sejam obedientes. Esses objetivos, que podem ser lidos “nas entrelinhas” da fala de Gates, não parecem ser tão nobres assim.

Entretanto, apesar de tudo, o Conselho entrou em funcionamento e o seu primeiro grande feito foi: salvar o *Teachers College* da falência certa e o transformar em um faculdade de educação especialista na nova “psicologia educacional”. Aliado a isso deu-se uma expansão muito grande de escolas e inscrições em escolas públicas. A demanda por professores também cresceu. E o *Teachers College*, agora, com a filantropia dos Rockefeller e o apoio do Conselho Geral de Educação, transformou-se em referência de formação de novos especialistas em educação. Embalado por essa nova onda, por exemplo, Thorndike, em 1904, publica sua obra *Educational Psychology* e vira o novo chefe de psicologia educacional do *Teachers College*; John Dewey junta-se a sua equipe, já com 10 anos de experiência com experimentos em crianças.

Assim, tem-se o quadro formado, acabado, uma estrutura e modo de pensar fortemente amarrado pela filantropia dos Rockefeller e que transformam o *Teachers College* na “meca”, origem, centro para o qual os novos educadores concorrem e de onde saem de posse dos conhecimentos necessários à implementação da nova psicologia educacional nas novas escolas fundadas.

Dewey, com Russell, Cattell, Thorndike e outros wundtianos, deu o ponta-pé inicial para a amálgama de psicologia

“educacional” e socialismo, o qual tornou-se conhecido como “educação progressista” que, emanada do *Teachers College* de Colúmbia por meio século, tornou-se, pouco a pouco, o lugar-comum em cada escola dos Estados Unidos.” (LIONNI, 2020, p. 68).

Assim, nascia o que se tornou conhecido como educação moderna nos EUA, um misto de conhecimentos oriundos da psicologia experimental, amalgamada e amarrada por uma visão política e ideológica conhecida como progressista. E a sala de aula é agora vista como um grande laboratório para novas experiências. “A sala de aula, para Dewey e Thorndike, era um “grande laboratório” onde pesquisas eram feitas e onde aprimorava-se “a modificação dos instintos e capacidades, convertendo-os em hábitos e poderes.” (LIONNI, 2020).

Contudo, apesar da grande expansão e do *Teachers College* ter se transformado em referência, seus principais representantes ainda enfrentavam certa resistência. Os experimentos psicológicos dos wundtianos do *Teachers College* ainda não eram bem vistos por outras instituições, i.e., havia, ainda, fora dos limites do *Teachers college*, uma resistência em ver a sala de aula como um “grande laboratório”. Mas isso não impediu o avanço e disseminação das novas ideias da educação moderna. Por um lado, a filantropia dava o sustentáculo-lo financeiro, por outro, e o trabalho dedicado de seus defensores garantia que, mesmo com oposição, a expansão não fosse freada. Pelo contrário, seus representantes sonhavam, ainda, em criar, um centro de estudos que fosse, na verdade, uma grande escola laboratório em Colúmbia.

Esse “sonho” torna-se possível com Abranham Flexner (que, na verdade, tinha pouco contato com os wundtianos) em 1917. Flexner era pesquisador pela fundação Carnegie para o aprimoramento do ensino e em 1913 foi para o Conselho Geral de Educação e tornou-se responsável por implementar um meio de disseminar a “educação progressiva”, bem como de concretizar a tarefa de consolidar a “escola laboratório” que seria uma vitrina da educação progressiva de Dewey e Thorndike (LIONNI, 2020). Concomitante a esse movimento para levar a cabo o sonho dos seguidores de Wundt de ter uma Escola Laboratório, a obra *A Modern School* de Flexner (de 1916), também ajudava a preparar o terreno para cada vez mais, a escola tradicional, ser mal vista. Nessa obra apresenta a nova psicologia educacional; ataca a educação tradicional e propõe uma ruptura com as práticas educacionais em vigor. A nova escola se caracterizaria por: Eliminar o estudo do



latim e grego, Literatura e história seriam revistas, literatura clássica abandonada e a gramática formal - abandonada. (LIONNI, 2020).

Apesar das propostas de Flexner serem bem menos radicais daquelas de Dewey e outros, elas tiveram um alcance bem maior. Mas, mesmo assim, ainda não eram bem vistas fora dos meios acadêmicos. Pois, mesmo as quase duas décadas e os milhões investidos não havia e ainda não era (nos idos de 1916-17) nenhuma unanimidade em alguns meios a tentativa crescente de modificar os métodos educacionais vigentes.

A título de exemplo, *New York Times* chamou sua proposta de radical, perigosa “[...] e subversiva de boa parte do que julgamos certo e necessário em nosso sistema educacional atual” (LIONNI 2020). Até mesmo o senado americano teria se manifestado em repúdio a “nova escola” e sua concepção de educação. Estava claro para alguns que as mudanças eram ruins e, da forma como estavam sendo feitas, poderiam estar atendendo tão somente a certos interesses econômicos. Pois, também, estava claro, que o aporte de dinheiro implicava em certa submissão do Conselho Geral de Educação a certos interesses, delegando a terceiros o poder de impor: suas próprias ideias; o perfil da educação; os livros didáticos a serem usados; os objetivos a serem enfatizados; quais instituições deveriam prosperar; além, é claro; o próprio controle da opinião pública. (LIONNI, 2020).

Contudo, e apesar das manifestações contrárias e a certeza de as mudanças atendiam a certos interesses “nada educacionais”, nada foi feito para frear ou reverter a situação. E a Escola laboratório que deveria ser chamada de escola moderna (mas não foi devido ao medo da opinião pública, já que o termo já estava um tanto desgastado pelas polêmicas geradas) foi aberta sob o nome de *Lincoln School*.

Esse seria o quadro completo, segundo Lionni, que possibilitou ou teria possibilitado, nos termos de Iserbyt, a destruição da Educação Americana. Pois, apesar das controvérsias, dos problemas, o financiamento constante e o trabalho árduo de seus representantes, houve uma rápida expansão e disseminação daquelas ideias caras a psicologia experimental e, agora, acrescidas de uma visão política como já registrado. Assim, com a *Lincoln School* e os milhares/milhões da filantropia dos Rockefeller a “[...] construção de novos currículos e o desenvolvimento de novos métodos educacionais se consolidaram.” (LIONNI, 2020).

Mas, o seu fracasso em ensinar o básico não passou despercebido. Com o passar dos anos, ficou claro

que era insustentável o novo método de ensino se comparado ao tradicional. O novo método falha no básico apesar de prometer muito. Todavia, como, aqui, nesse sintético registro foi lido, na fala de Cattel, ensinar não parecia ser o objetivo da nova escola (Se olharmos por esse ângulo, concordaremos com Iserbyt que em sua obra referenciada entende que por ser exatamente esse o objetivo da nova escola, desde o seu início, ela, na verdade, alcançou pleno sucesso). O resultado, ao final, foi que em 1946, a *Lincoln School* foi fechada.

Mas, agora, as escolas públicas espalhadas por todo os EUA, abertas e estruturadas sobre os princípios da escola moderna estavam consolidadas por todos os lugares; apesar da resistência e da comprovação de que o novo método fracassara ao ensinar o básico, algo que somente ao longo do tempo foi provado, até o seu fechamento em 1946.

Esses fatos, acima relatados, revelavam o aspecto “sombrio” do novo método e, talvez o mais importante e que passa despercebido: que o novo método não tinha e nunca teria tido o interesse em ensinar o básico. O problema é que a “doença” já teria se instalado:

Uma geração inteira de professores e diretoras educados pelo *Teachers College* via no *Lincoln School* o modelo a ser imitado em suas próprias cidades; milhares de visitantes viam-na como uma vitrine da nova psicologia e da educação progressiva, e os administradores dos Rockefeller tratavam-na como uma demonstração das intenções humanitárias por trás da fortuna dos patrões. (LIONNI, 2020, p. 91).

A CORRUPÇÃO DO IDEAL DE EDUCAÇÃO

Constata-se, também, que os interesses em mudanças curriculares que visavam alterar os métodos de ensino, as didáticas e a ideia de que a escola tem, tão somente objetivos sociais, foram além. Aos poucos foram introduzidos elementos estranhos, naquele momento, ao debate educacional, que foram compreendidos como sendo pertinentes. Quais seja, o elemento político/ideológico. Isso levou, segundo Lionni, a nova forma de pensar a educação tendo como base a psicologia educacional, a distanciar-se da ideia de que o importante é a formação educacional do indivíduo centrada no desenvolvimento de sua autonomia. Autores como Harold rugg, George S Counts, William Kilpatrick e John A Stormer, citados por Lionni teria contribuído de forma contundente para o entendimento da



educação como forma de atingir objetivos sociais e/ou progressistas.

A função da escola não é mais contribuir para o desenvolvimento de habilidades individuais que contribuirão, ao final, para a sociedade. Pelo contrário, isso é visto como uma característica intrínseca ao capitalismo e sinal do egoísmo ou princípio do egoísmo que seria outro elemento essencial do sistema capitalista. Egoísmo que, como diz Rugg e nas palavras de Kilpatrick impedem a interação social. Além de serem a origem de todas as mazelas sociais conhecidas.

A escola moderna (não escondiam essa ideia) e sua metodologia, tinha, ao final, um potencial político muito grande. Esse mostrava-se na possibilidade de controle (condicionamento) do que o indivíduo pode e deve pensar e ao final, fazer. Em suas palavras: “Disseminaremos pelas escolas do mundo toda uma nova concepção de governo [...]” (LIONNI, 2020); ou, ainda, “O capitalismo histórico, que deifica o princípio do egoísmo [...]” será destruído. (LIONNI, 2020) E, as novas funções da Escola segundo KilPatrick são: uma nova concepção de governo (Rugg), fomentar a necessidade de controle científico (Rugg) e condicionar os interesses de todos à economia.

Mas o ataque principal desferido por KilPatrick foi sua crítica ao método Montessori (é uma abordagem educacional desenvolvida pela médica italiana Maria Montessori, que visa o desenvolvimento integral da criança, enfatizando a autonomia, a liberdade com responsabilidade, e o respeito pelo ritmo individual de cada um). As consequências foram a supressão desse método pelos próximos 50 anos. (LIONNI, 2020) Algumas das críticas, por exemplo, eram que os materiais didáticos não eram estimulantes e que ler/escrever/calcular eram ensinados muito cedo.

Mas, apesar de tudo, o grande paradoxo para Lionni, é que Wundt - é lembrado apenas como psicólogo e que, os pensadores, aqui, citados, tais como Gates, Flexner, Cattell, Russel e Thorndike, assim como Wundt, também não são considerados do ponto de vista de suas contribuições para o campo educacional.

Sua contribuição pode parecer irrelevante para os críticos dos problemas educacionais atuais: abuso de drogas, analfabetismo, a criminalidade, o baixo nível, a falta de motivação, a falta de autodisciplina, e tudo o mais. (LIONNI, 2020, p. 94)

A tese de Lionni é que apresenta somente ao final de sua obra: “Nos dias de hoje, a psicologia constitui o principal sustentáculo filosófico de nossa educação e,

por consequência, de nossa fisionomia cultural.” (LIONNI, 2020) e reforça a sua convicção de que o problema reside na psicologização da educação efetuada por Wundt. Entretanto, o que houve, ao final, além dos aspectos psicológicos, foi uma invasão ideológica que mesclou-se com a educação - e isso teria destruído de uma vez por todas a sólida fundação educacional que estava em expansão nos EUA aos finais do séc. XIX (pelo menos no norte dos EUA). Segundo Lionni “O que a América precisava era de uma ousada política educacional que se erguesse sobre estes fundamentos - mas o que aconteceu foi uma invasão ideológica”. (LIONNI, 2020).

Disso entende que decorre um outro mal entendido, qual seja, de que os problemas educacionais decorrem da interferência do governo, o que seria uma falácia. A respeito dessa forma de entender a crise educacional registra o autor: “Isso é uma falácia, promovida por aqueles que simplesmente não percebem a verdadeira fonte do mal [...]” (LIONNI, 2020).

Isso significa que os problemas educacionais não decorrem da interferência do estado, da estrutura, dos recursos, entre outros. O problema está na fonte das ideias que balizam a educação: a psicologia experimental e a invasão ideológica que sofreu.

E finaliza: Sofremos de uma metodologia educacional que caracteriza-se por uma “[...] programação psicológica mediática” (LIONNI, 2020) que impede de vermos o problema real, e contribui para uma

[...] cortina de desinformação [...] que torna qualquer melhora aparentemente fútil ou ineficaz [...] e todo progresso reduz-se a meras notícias que é rapidamente superado por uma incansável maré de degradação, crises e pânico. (LIONNI, 2020)

CONCLUSÃO

Aqui, não tivemos somente a intenção de expor uma interpretação alternativa com respeito à Educação. Mas, também, expor - como forma de denúncia - a degradação que a educação liberal sofreu - e continua sofrendo - ao longo do séc. XX e XXI. Educação liberal que a muito custo foi mantida e perpetuada ao longo da história do ocidente; inicialmente, graças a “boa vontade” dos primeiros pensadores cristãos, como nos relata o Prof. Nunes (entre outros) em duas obras importantes citadas nas referências. Educação que tinha como objetivo, independentemente de qualquer coisa, dar as condições mínimas de desenvolvimento pleno do indivíduo através do desenvolvimento de sua cultura literária. Obviamente,



como mostra, também, o prof. Nunes, o modo e os objetivos educacionais oscilaram ao longo do tempo e, somente por poucos períodos e em certas condições históricas, perduraram sem o influxo dos conflitos históricos. Entretanto, o ideal de educação como forma de desenvolvimento do indivíduo nunca teria sido abandonada.

Os ataques, todavia, a Educação Liberal não começaram recentemente, mas remontam a virada do séc. XIX para o XX como Lionni bem documenta em obra, aqui, abordada. Assim, a destruição sistemática da Educação Americana não é um ato circunscrito a um determinado contexto histórico e político. Por outro lado, o relatório de Yale, de 1928, aqui, também, referenciado, do mesmo modo, não é o registro de uma tentativa de reforma educacional (ou ataque a educação liberal) isento de pressupostos políticos e antropológicos. Deve-se entender, acredita-se, que nem toda ruptura ou mudança é para melhor como nos fez crer o iluminismo e seus desdobramentos, mais tarde consolidados pela revolução científica e a revolução industrial, entre outros.

Com isso, espera-se ter dado ao leitor material suficiente para, no mínimo, poder repensar a educação moderna; mesmo que não concorde com as teses dos autores citados. E, além disso compreender o quanto foram nocivas a contaminação dos ideais liberais educativos pela ideologia política e a psicologia experimental e seus desdobramentos.

Importante notar, também, que há uma série de pensadores que contribuíram com afimco e de modo sistemático a expansão das ideias que contaminaram a educação. Alguns, como Dewey, por exemplo, de grande nome e inserção no campo educacional, inclusive o brasileiro. Iserbyt, em obra referenciada, de modo muito mais detalhado apresenta vários nomes de interesse educacional que propagam essa forma de pensar a educação que, aos poucos, jogamos na mais profunda crise cultural. Acrescentamos a lista de Lionni, Skinner citado por Iserbyt como o grande culpado (ISERBYT, 1999), como outro exemplo de autores que contribuíram para a destruição da educação. E, assim como Lionni, Iserbyt julga extremamente relevante entender de onde vem os problemas da educação para que possamos atacar de modo eficaz a crise em que estamos mergulhados.

Desse modo, ela não somente concorda com Lionni, mas expande e aprofunda sua denúncia de tal modo que não se pode ignorá-la mais. Isso significa, ao final das contas que a crise cultural é, no fundo, reflexo direto e proposital de uma crise educacional fabricada e arquitetada sistematicamente ao longo do séc. XX.

REFERENCIAS

ISERBYT, Charlotte. A idiotização proposital da América. Sophia Perennis, Sao Paulo, 2019.

LIONNI, PAOLO. A Conexão Leipzig A destruição sistemática da educação americana. Vide Editorial, Campina, 2020.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. História da Educação na Idade Média. Kirion, Campinas, 2018.

_____. História da Educação na Antiguidade Cristã. Kirion, Campinas, 2018.

YALE, University de. A Educação Superior e o resgate intelectual - O Relatório de Yale de 1928. Vide Editorial, Campinas, 2016.